

FRANCO BERARDI

ASFIXIA

**CAPITALISMO FINANCEIRO E
A INSURREIÇÃO DA LINGUAGEM**

**TRADUÇÃO
HUMBERTO DO AMARAL**

ubu

APRESENTAÇÃO

POESIA E SEMIOCAPITALISMO

Este livro contém dois textos que escrevi em momentos diferentes da minha vida: o primeiro, *Insurreição – poética e finanças*, escrevi em 2011, durante a revolta mundial a que se deu o nome de Occupy, na qual uma rebelião generalizada contra a austeridade abriu uma fresta para um possível processo de liberação contra a ditadura financeirista. Escrevi o segundo, *Respiração – caos e poesia*, em 2018, quando as forças da escuridão obscureceram o horizonte do mundo, e quando a ditadura financeirista foi reforçada pelo ressurgimento do fascismo: o Brexit, o triunfo de Trump e a ascensão do etnonacionalismo ao redor do globo. Apesar das diferenças profundas entre esses cenários políticos, os dois livros se originam de uma mesma preocupação filosófica: questionar as possibilidades infinitas da linguagem e o sentido da poesia como forma de reativação do corpo erótico da sociedade.

Quando escrevi o primeiro livro, uma espécie de sublevação estava em curso: estudantes ingleses marchavam para protestar contra cortes na educação; a *acampada* espanhola e a resistência grega queriam derrubar a austeridade; e, na primavera de 2011, a maior rebelião de todos os tempos eclodia nas cidades árabes, com jovens que lutavam contra ditadores locais e contra o capitalismo financeirizado global. Em setembro de 2011, a revolta irrompeu na cidade de Nova York, e a explosão do Occupy Wall Street foi seguida por uma onda de novas ocupações que almejavam reativar o corpo social do trabalhador cognitivo precarizado.

O espírito Occupy encontrou ressonância em muitos outros lugares no mundo, particularmente nos protestos da Turquia e nas gigantescas manifestações brasileiras do verão de 2013. Esses momentos de rebelião têm sido tão diferentes uns dos outros

quanto seus contextos sociais e seus resultados políticos, mas compartilham uma mesma base: são a expressão da força emergente de trabalhadores cognitivos, ao mesmo tempo globalizados e precarizados. Cognitários precarizados deram ao processo global um caráter e um sentido comuns: a busca pela autonomia do conhecimento e da tecnologia com relação à dominação do capitalismo financeirizado.

O midiativismo e o desenvolvimento de tecnologias P2P podem ser vistos como exemplos de uma tentativa de reapropriação dos produtos do conhecimento científico, enquanto a ocupação de espaços marca um processo de recomposição do corpo erótico da sociedade e uma tentativa de conjunção com a potência cognitiva do intelecto geral conectado às redes.

O sentido oculto do processo mais amplo a que se chamou Occupy era, na minha opinião, o projeto de recomposição desse corpo social e erótico do intelecto geral, uma forma de resistir à captura corporativa do conhecimento e subvertê-la, a fim de ativar as potências mais íntimas da linguagem.

A poesia, a vibração linguística da poesia, que no começo do século XX era o arauto da abstração moderna tardia, emergia no novo século como reativação da energia erótica do corpo social.

O movimento Occupy, no entanto, não atingiu seus objetivos: a submissão do conhecimento às corporações não foi revertida, a agressão financeirista contra o bem-estar social – que atingiu seu ponto culminante no verão de 2015, na Grécia – não chegou ao fim. Desde então, o corpo social, incapaz de se desvencilhar da armadilha abstrata dos algoritmos financeiros, entrou em um longo processo de asfixia.

O segundo texto que você encontrará neste livro, *Respiração*, é todo voltado a essa asfixia. Em 2014, milhares de pessoas marcharam pelas ruas das cidades americanas gritando as palavras “não consigo respirar... não consigo respirar”. Era uma maneira de protestar contra os mata-leões aplicados nos negros pela polícia (um dos incontáveis atos racistas em solo americano), mas também

uma forma de falar sobre a condição dos seres humanos no planeta asfixiante dos dias de hoje: poluição do ar, depredação financeira, aumento do empobrecimento, humilhação social.

O corpo coletivo, reprimido pela força da abstração (financeira e linguística), lutou para escapar e para encontrar uma dimensão de expressão autônoma e de recomposição. Mas não foi bem-sucedido. Como consequência, entramos em uma espécie de pesadelo caótico que é epitomizado com perfeição por aquelas pessoas que, hoje, em algumas áreas do continente australiano em chamas, fogem de suas casas e de suas cidades em direção ao oceano, em busca de uma forma de escapar dos incêndios que as cercam.

Enquanto o mundo físico queima, a conexão toma o lugar da conjunção, a perfeição sintática substitui a relação simpática entre organismos corpóreos: a vida automatizada dos neo-humanos, cercados e subjugados pela onipresença dos automatismos da máquina digital conectada às redes, se assemelha a um organismo a que falta fôlego: sem respiração, sem con-spiração, sem inspiração. A poesia é a condição para recompor um cosmos para além do caos atual.

Em *Respiração*, volto à metáfora da poesia como a única rota de fuga contra o sufocar. O poder de hoje se baseia em relações abstratas entre entidades numéricas. Enquanto a esfera das finanças é regida por algoritmos que conectam fractais de trabalho precarizado, a esfera da vida é invadida por fluxos de caos que paralisam o corpo social e abafam e sufocam a respiração. Não há escapatória política dessa armadilha: só a poesia, esse excesso de transações semióticas, pode reativar a respiração. Só a poesia nos guiará através do apocalipse que já está começando como um dos efeitos de décadas de absolutismo financeiro. Só a poesia aliviará o sofrimento das consciências do engenheiro e do poeta e reverterá o domínio da esfera financeira sobre a linguagem.

Insurreição foi um ensaio sobre a genealogia do poder financeiro do ponto de vista da linguagem e, em particular, do ponto de vista

da “emancipação do significado com relação à realidade”. *Insurreição* era um diagnóstico genealógico. *Respiração* é um ensaio sobre terapia. Como podemos lidar com a falta de ar que a abstração produziu na história da humanidade? Como podemos nos desvencilhar do cadáver do capitalismo financeirizado?

Janeiro de 2020

[2011]

INSURREIÇÃO

POÉTICA E FINANÇAS

INTRODUÇÃO

AUTOMAÇÃO E DESAUTOMAÇÃO DA LINGUAGEM

Desde setembro de 2008, o desmoronamento da economia global expôs os perigos do dogmatismo econômico, mas sua ideologia já havia sido incorporada aos automatismos da sociedade atual.

Decisões políticas foram substituídas por automatismos tecnolinguísticos inscritos na máquina global interconectada, e escolhas sociais foram submetidas a automatismos psíquicos cravados no discurso e no imaginário sociais.

Mas o ponto mais crítico da catástrofe representada por esse desmoronamento é o despertar de potências até então ocultas do cérebro social. O colapso financeiro marca o começo de uma rebelião cujos primeiros sinais foram vistos em Londres, Atenas e Roma em dezembro de 2010 e se tornaram mais evidentes na *acampada* de maio a junho na Espanha, nas quatro noites de fúria em agosto nos subúrbios ingleses e na onda de greves e ocupações nos Estados Unidos.

O colapso europeu não é apenas o efeito de uma crise econômica e financeira – esta é também uma crise da capacidade de imaginar o futuro. As regras de Maastricht se tornaram dogmas que não podem ser questionados, viraram fórmulas algorítmicas e encantamentos defendidos pelos sacerdotes do Banco Central Europeu (BCE) e promovidos por conselheiros e por corretores de bolsas de valores.

O poder financeiro se baseia na exploração do trabalho cognitivo e precarizado: em sua forma contemporânea, o intelecto geral está separado do corpo.

Em sua configuração atual, o intelecto geral está fragmentado e foi desprovido das capacidades de autopercepção e de

autoconsciência. Só a mobilização consciente do corpo erótico do intelecto geral e a revitalização poética da linguagem poderão abrir caminho para o surgimento de uma nova forma de autonomia social.

IRREVERSIBILIDADE

Para alguém da minha geração, é difícil se libertar dos automatismos intelectuais do “viveram felizes para sempre”, advindos pela dialética.

Assim como a restauração do Congresso de Viena deu lugar à Primavera dos Povos em 1848, e como o fascismo cedeu à resistência e à libertação, o instinto político da minha geração (a geração de 68, de certo modo a última geração moderna) continua a esperar a reconstrução da democracia, o retorno à solidariedade social e a reversão da ditadura financeira.

Talvez essas expectativas sejam ilusórias, e nós precisemos expandir o espaço de nossa prefiguração da história de modo a nos tornarmos capazes de abandonar a estrutura conceitual do progresso histórico a fim de imaginar o irreversível como algo factível. Na esfera do atual totalitarismo bioeconômico, a incorporação de automatismos tecnolinguísticos produzidos pelo semiocapital produziu uma forma que não se manifesta pela dominação externa dos atos do corpo, mas pela mutação do próprio organismo social. É por essa razão que a dialética histórica já não funciona no que se refere ao entendimento do processo e das perspectivas possíveis: a perspectiva da irreversibilidade está substituindo a perspectiva da subversão, e por isso temos que repensar o conceito de autonomia desse ponto de vista.

A “irreversibilidade” é um tabu no discurso político moderno porque contradiz o princípio da administração racional do fluxo de eventos – condição necessária para um governo racional e contribuição principal do humanismo para a teoria e para a prática da política moderna. Maquiavel fala do Príncipe como uma força

masculina que é capaz de subjugar a *fortuna* (o acaso, o fluxo caótico de eventos), a contraparte feminina da história.

O que estamos vivendo agora, na era da aceleração infinita da infosfera, é o seguinte: a feminina *fortuna*, corporificada nos fluxos caóticos da superpovoada infosfera e nos fluxos caóticos das microtransações financeiras, já não pode ser submetida e domesticada pela força masculina da discussão política. A desproporção entre a taxa de entrada de novas informações e a insuficiência de tempo disponível para seu processamento consciente gera hipercomplexidades. Por conta disso, projetos que proponham a alteração racional do campo social como um todo estão fora de cogitação.

Fukushima está gravada no horizonte de nossa época. Em comparação com a catástrofe ensurdecadora do terremoto e do tsunami, o apocalipse silencioso de Tóquio se mostra ainda mais assustador e sugere uma nova estrutura de expectativas sociais relacionadas à vida diária no planeta. A megalópole está exposta às precipitações nucleares de Fukushima, mas lá a vida continua quase como sempre foi. Apenas algumas pessoas abandonaram a cidade. A maior parte dos cidadãos acabou ficando e, como sempre fez, compra água mineral e respira sob máscaras que cobrem suas bocas. Algumas poucas denúncias de contaminação do ar e da água. Preocupações com a segurança alimentar levaram agentes dos Estados Unidos a interromper as importações de certos gêneros alimentícios japoneses. Mas o efeito Fukushima não traz implícita uma ruptura da rotina: o veneno se incorporou à vida diária, é uma condição natural com que temos que conviver.

Nos últimos anos, perturbações têm se multiplicado em todo o planeta – sem que, no entanto, tenham ocorrido mudanças no paradigma dominante e sem que tenham surgido movimentos conscientes auto-organizados ou levantes revolucionários.

O vazamento de petróleo no Golfo do México não levou à expulsão da British Petroleum, mas, antes, consolidou seu poder, já que ela era a única força capaz de controlá-lo e que, com sorte,

conseguiria retomar o controle dos acontecimentos.

O colapso financeiro de setembro de 2008 não levou a uma mudança na política econômica dos Estados Unidos. Apesar das esperanças trazidas com a vitória de Barack Obama, a classe financeira não perdeu aderência sobre a economia.

Na Europa, a ideologia neoliberal não foi descartada após a crise grega de 2010, mesmo que seus preceitos tenham sido a causa evidente do desmoronamento da economia daquele país. Pelo contrário, a perturbação grega (e as perturbações que se seguiram na Irlanda, na Espanha e em Portugal) fortaleceu o rigor das políticas monetárias e potencializou a perspectiva de redução de salários e de gastos sociais.

Em um nível sistêmico, a mudança está tomando a forma de feedback positivo.

Em sua obra sobre cibernética, Norbert Wiener fala em feedbacks negativos a fim de definir as saídas de um sistema que reage para se opor a mudanças nas entradas efetuadas, de modo a reduzir e a atenuar essas alterações. Se o feedback geral do sistema for negativo, então ele tenderá à estabilidade. Na esfera social, por exemplo, podemos dizer que o sistema exhibe feedbacks negativos se protestos e reivindicações obrigam a indústria a aumentar salários e a reduzir a exploração nos momentos em que a miséria social se torna muito acentuada e disseminada.

No linguajar de Wiener, um sistema exhibe feedback positivo quando, por outro lado, recebe uma perturbação e, em resposta, aumenta a magnitude de seus efeitos. Como é evidente, feedbacks positivos não intencionais podem estar longe de serem “positivos” no sentido de “desejáveis”. Também é possível falar em feedback de autorreforço.

Minha impressão é esta: nas condições de infoaceleração e hipercomplexidade, à medida que a vontade consciente e racional se torna incapaz de conferir e de ajustar as tendências, as próprias tendências se reforçam a si mesmas até o ponto do colapso total. Observe-se o círculo vicioso: vitórias eleitorais da direita e

ditaduras de ignorância. Quando partidos de direita ganham, sua primeira preocupação é sucatear a educação pública e criar uma base de sustentação para o conformismo midiático. O resultado dessa disseminação da ignorância e do conformismo será uma nova vitória eleitoral, e assim por diante. É por essa razão que é difícil não pensar no futuro da Europa como uma mistura sombria de autoritarismo tecnofinanceiro e de reação populista agressiva.

A autonomia, nessas condições, será em essência a capacidade de escapar de ambientes em que os feedbacks positivos estejam operando. Como é possível fazer isso, quando sabemos que o ambiente planetário e a sociedade global estão cada vez mais submetidos a essa tendência catastrófica?

Como podemos pensar em um processo de criação de subjetividades quando a precarização está colocando em risco a solidariedade social e quando o corpo social está conectado a automatismos tecnolinguísticos que reduzem suas reações à repetição de padrões comportamentais já incorporados?

Com este livro, procuro dar desenvolvimento às sugestões teóricas de Christian Marazzi, Paolo Virno e Maurizio Lazzarato, mas em uma direção menos usual. Esses pensadores conceitualizaram as relações entre linguagem e economia e descreveram a subsunção e a subjugação da esfera biopolítica dos afetos e da linguagem ao capitalismo financeirizado. Busco uma forma de subverter essa subjugação, e tento fazê-lo a partir das perspectivas pouco habituais da poesia e da sensibilidade.

ENXAME

Quando o corpo social está programado por automatismos tecnolinguísticos, ele age como um enxame: um organismo coletivo cujo comportamento é dirigido de forma automática por interfaces conectivas.

Uma multidão é uma pluralidade de seres conscientes e sensíveis que não compartilham um intuito comum e que não

observam padrões de comportamento. Uma aglomeração de pessoas que se embaralha pela cidade e que se movimenta em inúmeras direções e com incontáveis motivações. Todos seguem seus próprios rumos, e a intersecção desses deslocamentos forma um grupo. Algumas vezes o grupo se move de maneira coordenada: as pessoas correm lado a lado em direção a uma estação porque o trem já vai sair e param em conjunto diante de semáforos. Dentro das restrições da interdependência social, todos se movimentam de acordo com suas vontades.

Se quisermos entender melhor a subjetividade social contemporânea, o conceito de multidão precisa ser complementado com os conceitos de rede e de enxame.

Uma rede é uma pluralidade de seres orgânicos e artificiais, de humanos e de máquinas que realizam ações comuns graças a procedimentos que possibilitam sua interconexão e interoperação. Se você não se adapta a esses procedimentos, se não segue as regras estabelecidas, está fora do jogo. Se você não reage a certos estímulos da forma esperada, você não integra a rede. O comportamento de pessoas na rede não é aleatório, como os movimentos de um aglomerado de pessoas, porque uma rede sugere e cria predisposições de rotas para seus integrantes.

Um enxame é uma pluralidade de seres vivos cujos comportamentos seguem (ou parecem seguir) regras inscritas em seus sistemas neurais. Biólogos classificam como enxames uma multidão de animais de tamanho e orientação corporal similares que se movem juntos em uma mesma direção e que agem de modo coordenado, como abelhas que constroem uma colmeia ou se aproximam de uma planta em que poderão encontrar os materiais para a produção de mel.

Sob condições de hipercomplexidade social, seres humanos tendem a agir como um enxame. Quando a infosfera é densa e rápida demais para o processamento consciente da informação, as pessoas tendem à acomodação em comportamentos compartilhados. Em uma carta a John Seabrook, Bill Gates

escreveu: “a essência da revolução digital é a facilitação – a criação de ferramentas para facilitar as coisas”.¹ De modo geral, podemos dizer que a essência do poder, na era digital, é a capacidade de facilitar as coisas.

Em um ambiente hipercomplexo que não pode ser devidamente entendido e governado pela consciência individual, as pessoas seguirão rotas simplificadas e usarão interfaces que simplifiquem as complexidades.

É por isso que hoje o comportamento social parece estar preso aos padrões regulares e inescapáveis da interação. Procedimentos tecnolinguísticos, obrigações financeiras, necessidades sociais e invasões psicomidiáticas – todo esse maquinário capilarizado está estruturando o campo do possível e incorporando padrões cognitivos comuns ao comportamento dos agentes sociais.

Podemos então dizer que a vida social na esfera semiocapitalista está se transformando em enxame.

Em um enxame, não há como dizer “não”. Seria irrelevante. Você pode expressar sua recusa, sua rebeldia e sua não adesão, mas isso não mudará a direção do enxame e tampouco afetará o modo pelo qual o cérebro dele processa as informações.

AUTOMAÇÃO DA LINGUAGEM

O envolvimento da linguagem na economia financeira é essencial no processo contemporâneo de subjetivação.

Procuró refletir aqui sobre o processo de emancipação da linguagem e do afeto, e tomo como ponto de partida o conceito de calote.

O calote não é apenas a recusa de pagar os custos das crises econômicas provocadas pela classe financeira, mas também a rejeição da dívida simbólica corporificada na normalização psíquica e cultural da vida diária. A miséria se fundamenta no conformismo cultural da família nuclear, na privacidade reclusa da existência individual. A privatização de necessidades e de afetos

encadeou as energias sociais à cultura capitalista. Não há como dissociar a história da dominação capitalista da produção e da privatização do desejo – isto é, da criação de hábitos culturais e psíquicos de dependência. O calote social representa a rejeição da lista de prioridades que o conformismo capitalista impôs à sociedade.

De um ponto de vista linguístico e afetivo, o calote é a rota de fuga contra a redução da linguagem a apenas mais uma forma de troca.

O signo conectivo se recombina automaticamente na máquina da linguagem universal: a máquina digital-financeira que codifica o fluxo existencial. A palavra é conduzida para esse processo de automação, de modo que a encontramos congelada e abstraída em meio à vida esvaziada de empatia de uma sociedade incapaz de solidariedade e de autonomia.

A automação da palavra acontece em dois planos. O primeiro plano se relaciona à monetarização e à sujeição ao ciclo financeiro: signos são submetidos à dominação das finanças quando a função financeira (a acumulação de valor através da circulação semiótica) neutraliza o lado pulsional da enunciação, de modo a compatibilizar o enunciado aos formatos digital-financeiros. A produção de sentido e de valor se dá por partenogênese: sinais produzem sinais que já não passam mais pela carne. Valor monetário produz mais valor monetário sem sua prévia concretização por meio da produção material de bens.

Um segundo plano é o da indexação. Em seu artigo intitulado “Quand les mots valent de l’or” [Quando as palavras valem ouro], Frédéric Kaplan fala dos processos de indexação da linguagem nas estruturas das ferramentas de busca na internet. Dois algoritmos definem a redução do sentido linguístico a seu aspecto de valor econômico em uma busca do Google: o primeiro encontra as várias ocorrências de uma palavra; o segundo relaciona palavras a valor monetário.

A subsunção da linguagem efetuada pelo ciclo de produção

semicapitalista congela com eficiência as potências afetivas da linguagem.

A história dessa subsunção passa pelo século xx, e a poesia previu e prefigurou o distanciamento entre a linguagem e a esfera afetiva. Desde que Rimbaud conclamou por um *dérèglement de tous les sens* [desregramento de todos os sentidos], os poetas vêm experimentando com o esquecimento do referente e com a evocação autônoma do significante.

A experiência dos simbolismos francês e russo rompeu a relação referencial-denotativa entre a palavra e o mundo. Ao mesmo tempo, poetas simbolistas maximizaram a potência conotativa da linguagem até o ponto de combustão e de hiperinclusão. Palavras se transformaram em evocações polissêmicas de outras palavras e, assim, tornaram-se epifânicas. Essa mágica da linguagem pós-referencial previu o processo geral de desreferencialização que ocorreu quando a economia se tornou semioeconomia.

A financeirização da economia capitalista traz implícita uma crescente abstração tanto da função útil do trabalho como da dimensão corpórea da comunicação. Assim como o simbolismo experimentava com a separação entre o significante linguístico e suas funções denotativa e referencial, também o capitalismo financeirizado, concluída a internalização das potências linguísticas, separou o significante monetário das funções denotativa e referencial ligadas a produtos concretos.

Os signos financeiros levaram a uma partenogênese do valor, criaram dinheiro a partir de dinheiro sem a intervenção criadora da matéria física e do trabalho braçal. A partenogênese financeira suga e seca toda potência social e linguística e dissolve os produtos da atividade humana – em especial aqueles ligados a atividades semióticas coletivas.

A palavra não é mais um fator na conjunção de corpos afetivos que falam, mas um conector de funções de significação transcodificado pela economia. Privada de sua habilidade

conjuntiva, a palavra se torna uma função recombinate, um operador discreto (em oposição a contínuo) e formal (em oposição a pulsional).

POESIA E DESAUTOMAÇÃO DA LINGUAGEM

Temos coisas demais, mas nos faltam formas suficientes.

— Gustave Flaubert, *Préface à la vie d'écrivain*

A forma fascina quando já não se tem a força de compreender a força no seu interior.

— Jacques Derrida, *A escritura e a diferença*

A voz e a poesia são duas estratégias para a reativação.

Antes, a poesia anteviu o abandono da referencialização e a automação da linguagem; hoje, ela pode dar início ao processo de reativação do corpo emocional e, dessa forma, de reativação da solidariedade social, a começar pela reativação da força desejante da enunciação.

Para Giorgio Agamben, em *A linguagem e a morte*, a voz é o ponto de junção entre o sentido e a carne. A voz é a singularidade corporal do processo de significação e não pode ser reduzida à função operacional de linguagem, apesar das pesquisas sobre protocolos e procedimentos de reconhecimento de fala.

Nesse sentido, a poesia é a voz da linguagem: é o reaparecimento da função dêitica (de *deixis*, autoindicar) da enunciação. A poesia é o aqui e o agora da voz, do corpo e da palavra; é dela que sensorialmente nasce o sentido.

Enquanto a funcionalidade da palavra operacional sugere a redução do ato de enunciação à recombinação conectiva, a poesia é o excesso sensorial que se descarrega no circuito da comunicação social e que reabre as dinâmicas do jogo infinito da interpretação: o desejo.

Na introdução ao primeiro volume de seu livro seminal *Sobre o sentido*, Algirdas Julien Greimas trata a interpretação como o

derrapar infinito da transição entre significante e significado.

Esse derrapar infinito (ou deslizar, escorregar) se baseia na ambiguidade íntima do lado emocional da linguagem (a linguagem como excesso de movimento).

Precisamos começar processos de desautomação da palavra e de reativação da sensorialidade (singularidade de enunciação, a voz) na esfera da comunicação social.

O desejo é monstruoso, cruel, e a falta de comprometimento e de recombinação está no âmago de sua singularidade. A singularidade não pode se comprometer com uma ordem finita de interpretações, mas pode se compadecer da ambiguidade infinita do sentido se a experimentar como entendimento sensorial. A compaixão é a sensibilidade aberta à percepção de inúmeros seres sensoriais, a condição para um devir autônomo, para além da paralisia financeira e do conformismo tecnolinguístico que tornam a vida social um deserto de sentido.

A linguagem poética é o calote no campo da enunciação: ela rejeita a cobrança de uma dívida semiótica. A dêixis ($\delta \epsilon \iota \xi \iota \varsigma$) reage contra a redução da linguagem à indexação e à individualização abstrata, e a voz reage contra a dessensorialização da linguagem.

A linguagem poética é a ocupação do espaço de comunicação por palavras que escapam do plano das trocas: a estrada do excesso, diz William Blake, leva ao palácio da sabedoria. E a sabedoria é o espaço da singularidade, da significação corporal, da criação de sentido sensorial.

CAPÍTULO 1

O COLAPSO EUROPEU

O BURACO NEGRO FINANCEIRO E O MUNDO EVANESCENTE

As finanças são o grau mais abstrato da simbolização econômica. São o ponto culminante de um processo progressivo de abstração que teve início com a industrialização capitalista. Marx fala do trabalho abstrato como um aumento da distância entre a atividade humana e sua utilidade concreta. Nas palavras dele, o capitalismo seria a aplicação das habilidades humanas como um meio para atingir uma meta mais abstrata: a acumulação de valor. Na era de industrialização analisada por Marx, a produção de bens úteis ainda era uma etapa necessária no processo de valorização em si mesmo. Para produzir um valor abstrato, o capitalista industrial era forçado a produzir coisas úteis. Já não é mais assim, no entanto, na esfera do semicapital. No mundo do capitalismo financeirizado, a acumulação não passa mais pela produção de mercadorias, vai direto para seu objetivo monetário, para a extração de valor a partir da mera circulação de dinheiro, da virtualização da vida e da inteligência.

A financeirização e a virtualização da comunicação humana estão evidentemente interligadas: graças à digitalização das trocas, as finanças se transformaram em um vírus social que se espalha por toda parte e que transforma coisas em símbolos. A espiral simbólica da financeirização suga e engole o mundo das coisas físicas, das habilidades e dos conhecimentos concretos. A riqueza concreta dos europeus se esvai em um buraco negro de pura destruição financeira. Não se cria nada dessa destruição, e, enquanto isso, a classe financeira expropria os produtos da força

de trabalho e do intelecto gerais.

Jean Baudrillard comparava o crescente endividamento público dos Estados Unidos a um míssil que orbita a atmosfera terrestre.

Um painel eletrônico na Times Square exibe a dívida pública americana, uma soma astronômica de alguns milhares de bilhões de dólares que aumenta a uma taxa de 20 mil dólares por segundo. [...] Na verdade, a dívida nunca será paga. Nenhuma dívida será paga. Os cálculos finais nunca acontecerão. [...] Os Estados Unidos já são virtualmente incapazes de pagá-la, mas isso não trará consequência alguma. Não haverá juízo final para essa falência. [...] Quando se olha para o painel na Broadway, para os voos de seus números, tem-se a impressão de que a dívida decola rumo à estratosfera. Trata-se apenas da distância, em anos-luz, de uma galáxia que desaparece no cosmos. A velocidade de liberação da dívida é como um dos satélites da Terra. É exatamente isto: a dívida circula em sua própria órbita, com sua própria trajetória constituída de capital, que, de agora em diante, está livre de qualquer contingência econômica e pode se mover em um universo paralelo (a aceleração do capital absolveu o dinheiro de seus envolvimento com o universo da produção, do valor e da utilidade). Não se trata nem mesmo de um universo orbital: caracteriza-se mais como ex-orbital, ex-cêntrico, com uma probabilidade ínfima de que, um dia, volte a se juntar a nós.¹

Ao contrário do previsto por Baudrillard, essa probabilidade, até então considerada ínfima, se tornou realidade. A dívida retornou à Terra, e agora age como condição para a abstração predatória final: a vida convertida em tempo para quitar uma dívida metafísica. A vida, a inteligência, a alegria, o ato de respirar – quitar a dívida metafísica exigirá o sacrifício da humanidade.

Nas últimas décadas do século que acreditou no futuro, marcadas pela hegemonia política do dogma neoliberal, a mão invisível foi assimilada à tecnologia global da máquina linguística, e a linguagem, o ambiente básico da humanidade, foi transformada em um sistema cabeado, automatizado.

O processo essencial da comunicação e da produção sociais fugiu do controle do conhecimento e do gerenciamento humanos. Tendências irreversíveis de devastação e empobrecimento estão no

horizonte de nossa época.

Slavoj Žižek nos lembra de que não há fim do mundo à vista, mas apenas o fim possível e inimaginável do capitalismo. Talvez Žižek esteja certo, mas é preciso considerar a possibilidade de que o capitalismo esteja tão impregnado em todas as dimensões físicas e imaginárias do mundo que sua derrocada poderia levar ao fim da própria civilização.

A financeirização da economia deve ser vista, em essência, como um processo de subsunção dos processos de comunicação e de produção à máquina linguística. Invadida por um fluxo semiótico imaterial, a economia foi transformada em um processo de trocas linguísticas; ao mesmo tempo, a linguagem foi capturada pela máquina digital-financeira e transformada em uma recombinação de segmentos operacionais conjuntivos. A máquina tecnolinguística que constitui a teia financeira age como um organismo vivo cuja missão é fazer o mundo secar até a última gota.

Quero entender o processo de dissolução que está em curso do ponto de vista pouco usual da relação entre a poesia e as finanças. O que a poesia tem a ver com finanças, e as finanças com poesia? Nada, é claro. Investidores, acionistas e banqueiros estão quase sempre muito ocupados, não perdem tempo com poesia. Poetas são pobres demais para investir na bolsa de valores. Há exceções, como T. S. Eliot, que trabalhava no Lloyds Bank enquanto escrevia *A terra devastada*, mas o problema não é esse.

O problema aqui tem a ver com o efeito de desterritorialização que separou as palavras dos referentes semióticos e o dinheiro das mercadorias.

Se nos detivermos sobre o efeito de desreferencialização mais comentado pela experimentação poética do século XX (a começar pelo *dérèglement des sens et des mots* simbolista), logo encontraremos algumas semelhanças com a reconfiguração econômica que ocorreu durante as últimas três décadas do século passado, da desregulamentação neoliberal até a rerregulamentação

monetarista abstrata.

Graças à revolução tecnológica gerada pela tecnologia da informação, a relação entre tempo e valor foi desregulamentada. Paralelamente, a relação entre signo e coisa se tornou opaca à medida que a garantia ontológica do sentido baseado no *status* referencial do significante foi rompida.

A palavra “desregramento” foi proposta pela primeira vez pelo poeta Arthur Rimbaud e, mais tarde, foi reciclada como uma metáfora pelos ideólogos neoliberais. *Dérèglement des sens et des mots* é a linha do horizonte da poesia moderna tardia. Palavras e sentidos procuram escapar das amarras da representação, da denotação e da reprodução naturalística. Assim, mais do que refletirem ou reproduzirem a realidade concreta, palavras e sentidos passaram a inventar o próprio mundo.

A ideologia neoliberal se inicia com a mesma ênfase no desregramento e na exaltação da liberdade.

Essas semelhanças entre o desregramento poético e o financeiro são traiçoeiras, é claro, mas poderosas.

A ideologia neoliberal não idealiza a desregulamentação como o voo livre das moléculas sociais para além do alcance de qualquer norma, mas objetiva a liberação da atividade social de qualquer regulamentação que não seja aquela do dinheiro ou da competição – a mais feroz de todas.

Esse é o problema. Enquanto o capitalismo financeirizado liberta o comportamento social dos grilhões do governo político, acaba por submetê-lo à governança tecnolinguística.

“Governança” é a palavra-chave no processo de financeirização do mundo.

Funcionalidade pura e desprovida de sentido. Automação do pensamento e da vontade.

A incorporação de conexões abstratas nas relações entre organismos vivos.

A submissão técnica das escolhas à concatenação lógica.

A recombinação de fragmentos (fractais) compatíveis

(compatibilizados).

A inscrição de um ritmo digital em um corpo social.

Em linguagem neoliberal, “desregulamentação” quer dizer libertação das amarras geradas pela vontade consciente, mas também submissão a automatismos tecnolinguísticos.

FEROCIDADE MATEMÁTICA E CALOTE SIMBÓLICO

Assim como os pintores impressionistas, os poetas simbolistas diziam: “não quero representar a coisa, mas a impressão que ela causa”.

Os simbolistas convidam o leitor a esquecer o referente. A palavra simbolista não é utilizada para representar a coisa, mas para evocar um mundo a partir da imaginação.

A palavra simbolista é utilizada para funcionar como uma epifania, uma aparição vinda do nada. Eu digo “a rosa”, e a rosa está lá, mas não porque seja um referente representado, e sim porque é o efeito de uma ação da minha voz. Ela é o efeito de um deslocamento pragmático de expectativas.

Na poesia simbolista, o significado não vem da representação de uma realidade preexistente e de uma correspondência com um referente, mas sim da força evocativa do som, da voz e do ritmo.

A desreferencialização da linguagem – a emancipação do signo linguístico com relação ao referente – que corresponde à operação do simbolismo, e que foi a marca das experimentações poéticas e artísticas com a linguagem ao longo do século XX, tem algo a ver com a transformação ocorrida nas últimas décadas na relação entre trocas econômicas e monetárias.

Em 1972, Richard Nixon fez o que pode ser considerado uma “desreferencialização” no campo da economia monetária. Ao romper os acordos de Bretton Woods, o presidente americano afirmou que o dólar não teria mais a realidade como referência e que seu valor seria dali em diante decidido por um ato de linguagem, e não em correspondência a um lastro ou a um

referente econômico.

A decisão de Nixon foi o ponto de partida para a financeirização da economia, que tem como base a emancipação das dinâmicas financeiras com relação às convenções e à realidade econômica.

Pode-se afirmar que a ditadura neoliberal teve início quando os Chicago Boys decretaram que a realidade era inventada pelo dinheiro, quando a avaliação monetária penhorou o referente. *Esqueçam o referente, o dinheiro é que criará o mundo* – é essa a declaração arrogante, a da onipotência do poder econômico, que funda o monetarismo neoliberal.

Conforme a economia deixa de lidar com a produção de coisas e passa a evocar um mundo com base na circulação do dinheiro, a hipertrofia da dívida se torna inevitável.

A ideologia neoliberal finge ser uma força liberatória que emancipa o capital da influência da regulação estatal, mas a verdade é que ela submete a produção e a vida social à mais agressiva das regulações – a matematização da linguagem.

A lógica do pagamento da dívida impõe o empobrecimento sistemático da vida social. Mas o que é essa dívida, afinal? Seria ela uma necessidade inescapável, metafísica? Não. A dívida é um ato de linguagem, um compromisso. A transformação da dívida em uma necessidade absoluta é resultado da religião do neoliberalismo, que vem conduzindo o mundo de hoje à barbárie e à devastação social.

A premissa do dogmatismo neoliberal é a redução da vida social às conclusões matemáticas de algoritmos financeiros. O que é bom para as finanças também deve ser bom para a sociedade, e se a sociedade não aceitar essa identificação e essa submissão, então é porque ela é incompetente e precisa ser reformatada por alguma autoridade técnica. Consultores do Goldman Sachs e banqueiros – como Lucas Papademos, na Grécia, e Mario Monti, na Itália – são impingidos pelo poder financeiro como líderes incontestáveis para países que ainda não atingiram a submissão necessária à